

Elaboração e desenvolvimento de aula de geografia para educação básica

Preparation and development of geography class for basic education

Preparación y desarrollo de la clase de geografía para la educación básica

Waldiney Gomes Aguiar

Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP

waldineyaguiar@gmail.com

Resumo

O trabalho ora apresentado, é parte de uma pesquisa maior – desenvolvida com um grupo de professores da Educação Básica, e investigou de que forma eles organizam suas aulas para ensinar os conteúdos curriculares de Geografia. Neste sentido, foram reunidos treze professores do quinto ano do Ensino Fundamental I e lhes perguntado: “De que maneira organizam suas aulas de Geografia para executá-la em sala de aula junto aos seus alunos”? As respostas foram diversificadas viabilizando uma análise a partir da peculiaridade de cada sujeito - docente ao expressar as formas de organização das suas respectivas aulas. Desta forma, procurou-se analisar as respostas dos professores, articulando-as com as discussões teóricas objetivando ajuda-los na compreensão de que ensinar vai além da transformação dos temas curriculares em conteúdo escolar, metodologias, recursos didáticos e objetivos de ensino – isso significa que a aula é um processo de ensino que envolve também outras questões tais como; quem são os sujeitos ali presentes na sala de aula? em que condições estruturais da escola ocorrem as aulas? Neste sentido, a discussão teórica permeando às respostas dos professores e a análise possibilita reflexões além da prática em sala de aula no dia a dia do professor, desta forma, desmistifica a ideia de que o fazer didático pedagógico daria conta de resolver as questões do ensino, quando o mais adequado seria compreender que nenhuma prática em sala de aula se justifica isolada da teoria – a base teórica é o que explica o fazer pedagógico no seu contexto histórico e social.

Palavras-chave: Geografia, Aprendizagem, Docência.

Abstract

The work presented here is part of a larger research - developed with a group of teachers of Basic Education, and it investigated how they organize their classes to teach the curricular contents of Geography. In this sense, thirteen teachers from the fifth year of Elementary School were gathered and they were asked: "In what way do they organize their Geography classes to perform it in the classroom with their students"? The answers were diversified allowing an analysis based on the peculiarity of each subject - teacher when expressing the forms of organization of their respective classes. In this way, we tried to analyze the answers of the teachers, articulating them with the theoretical discussions aiming at helping them understand that teaching goes beyond the transformation of curricular subjects into school content, methodologies, didactic resources and teaching objectives - this means that the classroom is a teaching process that also involves other issues such as; Who are the subjects present in the classroom? In what school structural conditions do the classes take place? In this way, the theoretical discussion permeating the teachers' answers and the analysis allow reflections beyond classroom practice in the teacher's daily life, demystifying the idea that the didactic pedagogical task would solve the questions of teaching, when the most

appropriate would be to understand that no classroom practice is justified in isolation from theory - the theoretical basis is what explains pedagogical doing in its historical and social context.

Keywords: Geography, Learning, Teaching.

Resumen

El trabajo que aquí se presenta es parte de una investigación más amplia, desarrollada con un grupo de docentes de Educación Básica, e investigó cómo organizan sus clases para enseñar contenidos curriculares de Geografía. En este sentido, trece docentes del quinto año de Primaria I se reunieron y les preguntaron: “¿Cómo organizas tus clases de Geografía para llevarlas a cabo en el aula con tus alumnos”? Las respuestas fueron diversas, permitiendo un análisis basado en las particularidades de cada sujeto – docente al expresar las formas de organizar sus respectivas clases. De esta manera, buscamos analizar las respuestas de los docentes, articulándolas con discusiones teóricas que apuntan a ayudarlos a comprender que la enseñanza va más allá de la transformación de temas curriculares en contenidos escolares, metodologías, recursos didácticos y objetivos de enseñanza - esto significa que la clase es un proceso de enseñanza que involucra también otras cuestiones como; ¿Quiénes son las personas presentes en el aula? ¿En qué condiciones estructurales de la escuela se desarrollan las clases? En este sentido, la discusión teórica permea las respuestas de los docentes y el análisis permite reflexiones más allá de la práctica de aula en el cotidiano del docente, desmitificando así la idea de que la práctica didáctica pedagógica sería capaz de resolver cuestiones de enseñanza, cuando lo más adecuado sería. Entender que ninguna práctica en el aula se justifica aislada de la teoría: la base teórica es lo que explica la práctica pedagógica en su contexto histórico y social.

Palabras clave: Geografía, Aprendizaje, Enseñanza.

Introdução

O trabalho ora apresentado, é parte de uma pesquisa maior – desenvolvida com um grupo de professores da Educação Básica, e investigou de que forma eles organizam suas aulas para ensinar os conteúdos curriculares de Geografia. Neste sentido, foram reunidos treze professores do quinto ano do Ensino Fundamental I e lhes perguntado: “De que maneira organizam suas aulas de Geografia para executá-la em sala de aula junto aos seus alunos”? As respostas foram diversificadas viabilizando uma análise a partir da peculiaridade de cada sujeito - docente ao expressar as formas de organização das suas respectivas aulas.

Desta forma, procurou-se analisar as respostas dos professores, articulando-as com as discussões teóricas objetivando ajuda-los na compreensão de que ensinar vai além da transformação dos temas curriculares em conteúdo escolar, metodologias, recursos didáticos e objetivos de ensino – isso significa que a aula é um processo de ensino que envolve também outras questões tais como; quem são os sujeitos ali presentes na sala de aula? em condições estruturais da escola ocorrem as aulas? Neste sentido, a discussão teórica permeando às respostas dos professores e a análise possibilita reflexões além da prática em sala de aula no dia a dia do professor , desta forma, desmistifica a ideia de que o fazer didático pedagógico daria conta de resolver as questões do

ensino, quando o mais adequado é compreender que nenhuma prática em sala de aula se justifica isolada da teoria – a base teórica é o que explica o fazer pedagógico no seu contexto histórico e social de cada sujeito envolvido no ensino e aprendizagem.

Percebeu-se a partir das respostas dos professores certo distanciamento entre a prática em sala de aula e o campo teórico que diz respeito a maneira de ensinar, porém, algumas indagações são importantes no processo de ensino e aprendizagem que são: o que ensinar? Como ensinar? E porque ensinar? A primeira, diz respeito a própria formação inicial e continuada do docente. Isso significa se ele teve uma formação inicial substancial acerca da base teórica e metodológica da Geografia, provavelmente saberá organizar os conteúdos geográfico escolar de forma tal não perder o rigor científico e nem negligenciar o ensino numa perspectiva simplista.

A segunda, como articular os conceitos a forma de ensinar – nesse caso haveria a necessidade de o docente compreender ensinar por exemplo paisagem, conceito básico da Geografia a um grupo de alunos considerando idade, ambiente e o contexto dos alunos na sociedade. Em terceiro lugar, saber a finalidade dos conteúdos curriculares para a vida dos alunos a partir da perspectiva da Geografia e tendo como ponto de partida o que eles sabem sobre o que lhes é proposto a aprender na escola – um desafio. Neste sentido, este artigo foi estruturado da seguinte forma: resumo, introdução, discussão sobre como ensinar e para que ensinar Geografia, em seguida a discussão dos resultados e apresentação do referencial teórico.

Ensinar Geografia: coerência conceitual, metodológicas e desafios constante na prática docente

Tentar entender como se dá o ensino de Geografia passa por compreender a importância dada à ciência geográfica nas escolas. Por certo não é nosso interesse formular críticas sem compreender o universo da escola, do professor, dos alunos e até da própria sociedade que se diz “fruto” da formação escolar. Assim, Lacoste (1988, p. 21) faz uma importante reflexão a respeito do ensino de Geografia: “Uma disciplina maçante, mas antes de tudo simplória, pois, como qualquer um sabe, “em geografia nada há para entender, mas é preciso ter memória...” De qualquer forma, após alguns anos, os alunos não querem mais ouvir falar dessas aulas que enumeram, para cada região ou para cada país, o relevo – clima – vegetação – população – agricultura – cidades – indústrias.

Se a disciplina Geografia é maçante, é porque foi colocada nessa condição. Ao surgir como matéria escolar, o método utilizado privilegiava a descrição, numa vertente positivista, e parece-nos que ainda assim permanece. Não que a descrição dos elementos naturais e humanos seja de pouca importância, porém a explicação e a crítica devem permear as informações, para que a diversidade de pensamento entre os próprios pesquisadores permita a complementação na construção do

conhecimento. Essa dinâmica deve alcançar a sala de aula, fazendo com que, na relação entre professor e aluno, o primeiro exponha o conteúdo, sistematize, conceitue e proporcione aos alunos questionar o que lhes é oferecido como conhecimento científico, passível de reconstrução. Para Vesentini (2004, p. 16)

O sistema escolar, portanto, foi e ainda é funcional e até estratégico para a reprodução da sociedade moderna, assim como a importância da educação amplo senso em qualquer sociedade, é visível. Mas a escola não é apenas uma instituição indispensável para a reprodução do sistema. Ela é também um instrumento de libertação.

Se, em cada momento histórico, a Geografia teve sua função como instrumento de compreensão do espaço vivido e a ser explorado pela humanidade, hoje ela não foge a essa regra. O sistema escolar oficializado pelo Estado propõe uma educação para reproduzir a sociedade. Mas, como afirma o autor supracitado, a escola ou o ensino da Geografia não precisam necessariamente submeter o aluno de maneira servil, podendo ser um instrumento de libertação. Em nosso entendimento, a palavra “libertação” diz respeito ao conhecimento, aos saberes que um indivíduo acumula para poder questionar os fenômenos. Vejamos um exemplo sobre o conhecimento cartográfico. Na época das grandes navegações, utilizava-se muito a Cartografia. Para elaborar mapas, era preciso ter conhecimento cartográfico, e quem os tinha dominavam esse ofício. O objetivo principal do domínio dessa técnica era demarcar os caminhos e lugares percorridos pelos europeus nas grandes viagens, além de auxiliar o exército como ferramenta estratégica de guerra.

Isso significa que o indivíduo que possui conhecimento tem o privilégio de uma capacidade que lhe permite não ser submisso, ou pelo menos questionar o que lhe é imposto com argumentos convincentes. Parece-nos que, no caso específico da utilização do mapa na disciplina escolar de Geografia, esse instrumento permaneceu, na escola, com os mesmos objetivos que nas grandes navegações: localizar lugares e descrever fenômenos. Embora estejamos longe de achar que localizar não seja importante, precisamos destacar que o mapa, no ensino de Geografia, principalmente nas séries iniciais, deve ser encarado como meio de comunicação. A cientificidade geográfica deve ser adequada ao nível de ensino, desde as séries iniciais até o ensino superior. Isso significa ensinar Geografia com rigor científico, mas através de procedimentos que permitam trabalhar os conteúdos de acordo com a idade e a série dos alunos.

Ao ensinar cartografia, por exemplo, não é apenas ensinar a decodificar o que está representado no mapa, vai, além disso. A cartografia está marcada por cada momento histórico de cada sociedade: por exemplo, o mapa era usado para indicar onde se encontrava o alimento do qual um grupo social necessitava, para marcar o caminho ou o trajeto. Em determinadas épocas ele também serviu como meio de domínio territorial, pois quem sabia mapear o território tinha certo controle sobre o espaço. Nessa linha de pensamento, buscamos reforçar nossa proposta de que o ensino dos mapas passa também pelo crivo do conhecimento geral que permeia a escola. Pois, não

basta o professor dizer onde estão os lugares ou fenômenos, é preciso que a criança compreenda por que estão lá. Para isso, entendemos que o ensino da leitura de mapas deve instrumentalizar o aluno para manipular adequadamente esse instrumento cartográfico, em uma situação na qual não conte com ajuda e tenha de tomar decisões, por exemplo, para seguir um caminho quando estiver perdido ou para analisar o meio em que vive e verificar a existência de risco de enchentes ou desabamentos que possam prejudicar sua família ou vizinhos.

Nesse sentido, a atuação do professor em sala de aula deve evitar que os procedimentos didáticos passem apenas pelas palavras, ou seja, é preciso recursos didáticos capazes de ajudar na compreensão dos conteúdos, que facilitem a aprendizagem dos alunos. Ao ensinar escala, pode-se utilizar a sala de aula como referência, pedindo que os alunos meçam as distâncias entre as paredes em passos, por exemplo, para em seguida representá-la em uma folha do caderno; assim eles podem perceber que existe possibilidade de representar o real em tamanho menor, e aos poucos entenderão e possivelmente consolidarão a noção de proporção.

Ensinar os conteúdos curriculares não tem sido tarefa fácil para os professores, principalmente da Educação Básica, por uma série de fatores; entre os mais comuns elencados pelos docentes está a “falta de interesse” dos alunos. Essa é uma questão que precisa ser discutida na própria escola, à luz de seu currículo, para tentar levantar os possíveis problemas que poderiam interferir tanto no ensino como na aprendizagem dos alunos. Um dos problemas encontrados na maioria das escolas remete às relações de poder, e entendemos ser importante trazer aqui um esboço dessa discussão acerca da relação de poder na escola, na sala de aula, na relação de ensino e aprendizagem junto às crianças das séries iniciais principalmente, a partir das reflexões encontradas em Bourdieu (1996, p. 325-347 apud NOGUEIRA; CATANI, 1998, p. 55) “O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de subvertê-la, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras.”

Parece-nos assim que as palavras podem conduzir os sujeitos a pensar de uma forma que não seja sua, a se deixarem seduzir pelo discurso, caso não tenham capacidade de questionar e posicionar-se acerca de um assunto. O que isso tem haver com a escola e principalmente com o ensino da Geografia em sala de aula? Primeiro é importante dizer que ao longo do percurso histórico da humanidade as relações de poder entre os povos sempre existiram, basta lembrar o domínio de povos europeus sobre os sul-americanos: o processo de colonização colocou populações inteiras em condições de submissão econômica, cultural e política. Chegar a esse domínio exigiu, além de recursos financeiros, equipamentos como grandes navios, armas, contingentes e conhecimento científico, que deu ao colonizador as condições para avaliar as possibilidades de

invasão e conquista de novos territórios, a partir de procedimentos e um planejamento que proporciona vantagens em relação ao povo dominado.

Esse comentário aponta para o fato de que as relações de poder ocorrem entre pessoas e lugares, além do espaço físico que se constitui como território, o Lugar se territorializa por meio das relações humanas, no trabalho, na rua e também na escola, é nela que oficialmente se “produz e reproduz” o conhecimento. Tradicionalmente coloca-se, em nossa sociedade, que o indivíduo que acumula mais conhecimento tem maior chance de competir no mercado de trabalho, por exemplo, o que significa que pessoas que gozam dessa condição exercem uma espécie de soberania em relação às outras. Certa vez, em uma de nossas aulas de Geografia na Educação Básica, sobre clima, um aluno fez o seguinte comentário: “Professor, o jornal da TV disse que a chuva castigou a cidade de São Paulo” – este exemplo revela um tipo de poder que a mídia pode exercer, principalmente sobre as crianças. O aluno logo tomou como verdade o que foi dito pelo jornalista, sem fazer nenhum tipo de análise, até porque em sua idade (aluno de 6º ano) ser-lhe-ia impossível analisar um comentário dessa natureza sozinho. A partir dessa pergunta iniciamos uma conversa com alunos, levantando problemas que ajudasse a questionar a afirmação feita na TV. Foi relatado que várias casas desabaram por conta do desmoronamento de encostas. Propusemos então algumas perguntas, para pensarmos juntos: Quais as características das casas existentes na área em que ocorreu a chuva? Que motivo teria levado aquelas pessoas a construírem suas casas ali? Qual era o tipo do relevo do lugar? As respostas foram muitas. Com nossa mediação e a colaboração de todos os alunos, depois de pesquisarmos, os alunos concluíram que desmatar a encosta de um morro para construir moradia pode causar desmoronamento, descobriram também que em determinado período do ano ocorrem chuvas torrenciais naquele local, e as condições financeiras obrigam as pessoas a construírem em áreas de risco.

Trouxemos esse caso particular para dizer que a educação geográfica pode explicar os fenômenos que afetam a vida das pessoas em seu dia a dia; o noticiário é importante, mas deve ser analisado antes de se emitir um conceito a partir dele – se não houver intervenção do professor colocando os alunos a pensar sobre o que traz de conhecimento para escola, ele será refém de informações parciais como se fora a única verdade. Na escola, onde a diversidade cultural aflora por meio de atitudes de alunos, professores, funcionários administrativos, uns mais discretos que outros, desencadeia-se um processo em que a cultura se modifica, agregando outros costumes, se fortalecem, ou se enfraquece, enfim se transforma. É nessa dinâmica que a relação de poder se constitui, implícita ou explicitamente, pelos membros dos grupos culturais.

Para Forquin (1993, p. 10),

Incontestavelmente, existe, entre educação e cultura, uma relação íntima, orgânica. Quer se tome a palavra “educação” no sentido amplo, de formação e socialização do indivíduo, quer

se a restrinja unicamente ao domínio escolar, é necessário reconhecer que, se toda educação é sempre educação de alguém por alguém, ela supõe sempre também, necessariamente, a comunicação, a transmissão, a aquisição de alguma coisa: conhecimento, competência, crença, hábitos, valores, que constituem o que se chama precisamente de “conteúdo” da educação.

A educação é um conjunto de atividades, e tem uma relação estreita com a cultura; ela também é individualizada, o que se pode verificar nas escolas. Um bom exemplo disso é quando os alunos de uma sala são indagados pelo professor sobre suas origens ou as de seus pais. Nesse momento surgem vários elementos que dão ao professor a oportunidade de organizar suas aulas, pois o que parece comum ou fácil para um aluno, para outro não o é.

Portanto as individualidades devem ser um dos pontos importantes a considerar na organização das aulas. É na educação sistemática que a cultura se apresenta articulada ao conteúdo, e é aí que o professor deve explorar os conhecimentos trazidos pelos alunos para verificar o que eles sabem e pensam sobre os conhecimentos curriculares correspondentes às séries em que se encontram, não para que abandonem o que já sabem, mas para conhecer outros saberes, descobrir as relações existentes entre esses novos saberes e o que já conheciam; a soma de conhecimentos da cultura de cada indivíduo na escola é uma riqueza muito importante para o ensino. Crenças ou conhecimentos que pareçam certos para um aluno podem não o ser para os demais, devido a seus diferentes acúmulos de conhecimentos, segundo suas diferentes culturas. De tal forma que, se o professor não trabalhar considerando as individualidades, isso pode acarretar um desrespeito, por parte dos alunos, quanto à cultura do outro, tornando as diferenças culturais motivo de hierarquização dos indivíduos, como se uma fosse mais importante que outra.

Educar ou ensinar é colocar alguém em presença de certos elementos da cultura, a fim de que se nutra, de que os incorpore à sua própria substância, de que construa sua identidade intelectual e pessoal em função de tais elementos. Nesse sentido, educar de acordo com a cultura de cada indivíduo é certamente uma tarefa difícil. Não basta que somente o professor seja capacitado para essa tarefa, mas todos aqueles que trabalham no sistema educacional devem sê-lo. Assim, o aluno perceberá algo importante ocorrendo a sua volta, pois todos falam e agem em consonância, no que diz respeito ao ensino dos conteúdos, à ética, à moral, ao respeito mútuo, à cordialidade e a outras atitudes próprias de um convívio social em que as diferenças são levadas em consideração. Não basta que o professor tente ensinar esse convívio às crianças em sala de aula, se o ambiente escolar não corresponder ao objetivo principal, que é o ensino dos conteúdos curriculares.

Essa convivência escolar de respeito mútuo pode ser favorável às crianças, pois um ambiente em que elas são respeitadas e respeitam seus colegas, professores e funcionários da escola possivelmente refletirá em sua aprendizagem, criando empatia entre os envolvidos e permitindo um convívio que passa a ser de partilha: de um lado, a criança ao menos ouvida e elaborando suas

tarefas de aluno; de outro, o professor exercendo sua profissão sem a preocupação exaustiva de a todo momento chamar a atenção das crianças para que a aula não seja atrapalhada por atitudes como conversas impertinentes durante a explicação, não realização das tarefas etc.. Não queremos dizer que essa relação social entre os atores presentes na escola seja determinante para a aprendizagem, mas contribui.

Na sociedade moderna, a formação profissional é muito importante. Em um mundo global, o domínio da leitura, da escrita, a capacidade de enfrentar problemas e procurar soluções, tudo isso deve ser objeto de uma busca constante. O mesmo se dá com a profissão de professor, tão digna como qualquer outra, mas em nossa opinião talvez a mais importante na formação de pessoas. Conforme discute Sacristán (2000), há uma pressuposição, principalmente nas escolas da Educação Básica, de que, ao se formar, o professor não apenas está apto a dar aulas como também está pronto para: organizar os conteúdos a serem estudados, elaborar avaliações, preparar recursos didáticos e até controlar a indisciplina de alguns alunos. Mas não podemos nos esquecer de que ele está diante de uma diversidade cultural enorme, a qual é necessário considerar para que as atividades acima mencionadas possam ser desenvolvidas com coerência e sucesso. Essa articulação requer competências e qualificação profissional. Além disso, o próprio currículo escolar deve considerar essas diversidades, particulares e coletivas.

Libertar-se da cultura escolar não equivale a dizer que ela não tenha valor, mas que nos currículos escolares predomina impositivamente a cultura dominante. Essa cultura imposta reduz o valor das outras culturas presentes nas práticas escolares. Destacamos a importância de refletir sobre isso – a oposição escolar entre a cultura canônica estereotipada e a autenticidade cultural que só tem sentido para uma minoria considerados cultos. Percebe-se que a cultura e a escola se relacionam, mas não se completam. Ou seja, a cultura canônica estereotipada seria o que é “posto” pela sociedade como modelo de vida, considerado ideal, já a cultura escolar real é a que emerge com suas diversidades individuais, coletiva, de raízes familiares ou não, que resiste ao que a escola impõe a serviço do modelo cultural padronizado pela sociedade- por isso o ensino de Geografia para pelo crivo de um processo mais complexo do que saber selecionar um rol de conteúdos e expor de forma unilateral, ensinar conteúdos curricular da Geografia Escolar.

Resultados da investigação

“De que maneira organizam suas aulas de Geografia para executá-la junto ao seus alunos”? a partir desta pergunta feita a um grupo de professores de Geografia da Educação Básica procurou-se aqui reescrever as respostas de cada professor acompanhadas de fundamentos teóricos em suas respectivas análises pois, desta forma, permitiu-se detalhar pontos valiosos que se

apresentaram na peculiaridade de cada resposta dos docentes somando ao coletivo das interpretações, permitindo maior compreensão da real necessidade dos professores ao pensarem e colocarem suas aulas em prática. Desta forma, optou-se por analisar as respostas a partir do que disseram os docentes em suas respostas na íntegra. O objetivo desta escolha de análise, se deu por conta das especificidades relatada por cada docente e que proporciona detalhes importantes para que o leitor- seja outro docente não participante da pesquisa e também o grupo pesquisado compreenderem o que aproxima ou distanciam de suas práticas em sala de aula – principalmente ao elaborarem suas aulas a serem ministradas para os alunos. Primeiro, se traz o relato de cada um dos docentes entrevistados seguido de uma análise articulada a alguns escritos de autores que pesquisam e estuda a questão posta aqui.

“De que maneira organizam suas aulas de Geografia para executá-la junto aos seus alunos?”

Resposta: professor 1

“Eu observo plano, os objetivos e conteúdos, e respeito uma sequência didática. Procuo partir do todo para depois chegar às partes, fazendo a inclusão dos espaços. Sempre que possível levo material como mapas, globo. Dependendo do conteúdo, saio da sala de aula para observar. Para iniciar qualquer aula eu primeiro exploro os alunos quanto ao que já sabem sobre aquele tema e faço questionamentos, também deixo que eles elaborem questões, curiosidades que têm sobre o assunto. Em seguida passo para leituras, explicações, vídeos para ampliar o que está sendo estudado e no final normalmente elaboram um registro coletivo no caderno (às vezes textos, outras questões, atividades diferentes).”

A professora relata que organiza sua aula a partir do plano de aula, e respeita uma sequência didática, porém não detalha o que é uma sequência didática. Tradicionalmente, a sequência didática sempre foi posta como uma organização de conteúdos a serem cumpridos em um planejamento, e parece que é a isso que se refere a professora. Não somos contrários à presença e disposição organizada de conteúdos nos planos de aulas ou no currículo escolar; no entanto uma sequência didática é algo que vai além de uma lista coerente de conteúdos, implicando a interação entre conteúdo, professor e meio – ou seja, deve ser uma situação, conforme vemos em Brousseau (2008, p. 19): “Denominamos situação, o modelo de interação de um sujeito com o meio específico que determina certo conhecimento, como o recurso de que o sujeito dispõe para alcançar ou conservar, nesse meio, um estado favorável.”

Outra questão interessante na fala da professora é que, para trabalhar um determinado conteúdo, ela parte do todo para chegar a um espaço menor. Isso indica o que tradicionalmente tem ocorrido nas aulas de Geografia: ao iniciar uma aula, normalmente os espaços geográficos parecem ser divididos para que as crianças entendam, contudo nem sempre é possível aprender dessa forma, levando em consideração o nível escolar em que as crianças se encontram (6º ano do Ensino Fundamental). Partir do local nos parece ser o mais indicado, haja vista as possibilidades de as

crianças compararem o lugar onde vivem a outros, representá-lo em desenhos, por exemplo, utilizar diferentes mapas para localizar países e desvendar os espaços representados ali, por símbolos, cores, linhas áreas, enfim, ler o mapa. É importante observar que não foi mencionada, na resposta da professora, a utilização de mapa na organização da aula.

“De que maneira organizam suas aulas de Geografia para executá-la junto aos seus alunos”?

Resposta: professor 2

“Olhando para o currículo, procuro organizá-las de acordo com o projeto pedagógico, incorporando uma metodologia que leve os alunos à participação e trazendo a realidade vivida por estes, de modo a tornar o conteúdo significativo. À medida do possível procuro fazer aulas práticas e com uso de audiovisuais, jornais, revistas, livros didáticos, mapas temáticos, data show e globo. Faltam-nos recursos, bússolas e [aparelhos de] GPS.” A professora organiza sua aula de acordo com o currículo e as recomendações da escola através de seu projeto pedagógico. Isso corrobora o que diz Sacristán (2000, p. 147):

A prescrição curricular que o nível político-administrativo determina tem impacto importante para estabelecer e definir as grandes opções pedagógicas, regula o campo de ação e tem como consequência o plano de um esquema de socialização profissional através da criação de mecanismo de alcance prolongado, mas é pouco operativa para orientar as práticas concretas e cotidianas dos professores. A professora relata também que utiliza vários recursos didáticos e procura articular os conteúdos curriculares ao cotidiano dos alunos, mas não detalha como faz isso. Para Castellar e Moraes (2012, p. 123), “Quando se trata de procedimentos para ensinar, é necessário ter clareza dos conteúdos que serão desenvolvidos e como relacioná-los com situações do cotidiano para que o aluno possa estabelecer nexos entre o que ele aprende e a sua realidade.” Associar e articular conteúdos curriculares escolares é criar significado para os alunos, permitindo que entendam a utilidade de tais conteúdos a suas vidas, suas necessidades como criança ou adolescente, e não como pequeno cientista ou geógrafo – o que não significa que a cientificidade deva ser deixada de lado.

“De que maneira organizam suas aulas de Geografia para executá-la junto aos seus alunos”?

Resposta: Professor 3

“Partindo do contexto social, buscando uma interdisciplinaridade e uma inclusão de espaços. Fazendo o uso dos mais variados materiais, vídeos, músicas, mapas, slides, montagem de mapas gigantes, entre outros. Fazendo a criança vivenciar principalmente em grupo e com atividades práticas.”

O professor afirma em sua resposta que parte do contexto social, mas não detalha de que forma faz isso. Ele também coloca que trabalha a interdisciplinaridade e utiliza vários recursos didáticos. Chama a atenção em sua fala, assim como em várias das respostas obtidas, a presença do termo “inclusão dos espaços”, que deduzimos ser a relação entre os espaços mundial, regional e

local representados em mapas. O professor relatou ainda que desenvolve atividades com as crianças em grupos. Paganelli (2007, p. 43) questiona: “Qual é o espaço percebido pela criança?”. Nesse sentido, é preciso verificar, antes de trabalhar a questão espacial na Geografia com as crianças, de que modo elas percebem o espaço, como o representam, para não se correr o risco de apresentá-lhes vários mapas como se elas já compreendessem de fato o que é espaço geográfico. É preciso, antes de tudo, ensinar-lhes isso.

“De que maneira organizam suas aulas de Geografia para executá-la junto aos seus alunos?”

Resposta: professor 4

“Partindo dos conteúdos programáticos do ano/ciclo. Principalmente faz-se um questionamento aos alunos, analisando seu conhecimento referente ao tema, depois passa o que você programou. Também usamos para informação o livro, pesquisas em casa, biblioteca. Quando necessário, usamos materiais de apoio que temos na escola (mapas e outros).”

Diz a professora que inicia pelos conteúdos programáticos, faz perguntas aos alunos sobre o que sabem do conteúdo proposto para a aula, utiliza alguns recursos didáticos, como livros, nos quais busca informações, realiza pesquisa na biblioteca e se necessário lança mão de mapas, material considerado por ela como material de apoio da escola.

Conforme afirma Castellar (2003, p. 116), “O ensino de geografia, tendo como referência os conceitos cartográficos, é, sem dúvida, a base para que o aluno possa estruturar, cognitivamente em termos de conteúdo, o conhecimento da realidade e, com isso, o conhecimento geográfico.” Percebe-se, assim, a importância da Cartografia para o ensino da Geografia, de acordo com estudos de vários pesquisadores, principalmente para o ensino nas séries iniciais, como é o caso da autora citada. Normalmente, na maioria das escolas, e principalmente nas séries iniciais, os mapas não ficam na sala de aula, o que, em nosso entendimento, traz dificuldades para os professores, pois não só eles precisam deslocar-se a outra dependência da escola para buscá-los como é bastante possível que não haja no estabelecimento um mapa para cada sala de aula.

“De que maneira organizam suas aulas de Geografia para executá-la junto aos seus alunos?”

Resposta: professor 5

“Através de leituras, observações, pesquisas. Organização de material, do ambiente. Troca de informações e questionamentos.”

O relato do professor informa que as aulas são planejadas por meio de leituras, observações e pesquisa, mas nada é detalhado. Ele afirma que troca informações e questiona, mas não diz com quem. De maneira geral, esta resposta revela que o professor encara a aula quase de forma administrativa, ou seja, não nos parece que o aluno tenha uma participação que influencie o planejamento no sentido de se partir das necessidades do aluno articuladas aos conteúdos

curriculares. Castellar (2003, p. 117) nos ajuda nessa reflexão: “é importante saber selecionar os conteúdos, planejar as ações que serão aplicadas em sala de aula, é fundamental para que o aluno desenvolva as operações mentais e construa os conceitos.” Tudo o que aparece na resposta da professora – organização, leitura, observação, pesquisa, material, troca de informações e questionamento – são elementos necessários e úteis, se utilizados na elaboração das aulas de forma consciente, articulada e visando ao desenvolvimento das operações mentais na construção do conhecimento.

“De que maneira organizam suas aulas de Geografia para executá-la junto aos seus alunos”?

Resposta: professor 6

“Seguindo os conteúdos da proposta pedagógica, como é 5º ano, início com uso dos mapas, [mapa-]múndi, [do] Brasil, para chegar ao estado do Paraná, que é o conteúdo proposto. Dentro desse conteúdo trabalha-se tudo sobre o Paraná, sempre destacando no mapa sua localização, aspectos naturais etc. Organizo as aulas de várias formas, mapas, textos variados, textual, conceitual, perguntas.”

Em princípio o uso de mapas parece ser rotina nas aulas de Geografia da professora. Ela relata também que faz um percurso pelos mapas, começando os estudos com os alunos a partir do mapa-múndi até chegar ao do estado do Paraná. A palavra “localização” aparece na resposta como ponto importante para explicar outros conteúdos geográficos, como os naturais. Ela diz ainda que utiliza várias maneiras de ministrar sua aula, ora com vídeos, ora com mapas ou vários tipos de textos e perguntas. Sua atitude corrobora o que diz Oliveira (2007, p. 17): “O mapa sempre foi utilizado pelos geógrafos como modelo da realidade, uma representação da superfície terrestre. Como documento, o mapa também é empregado pelos professores, principalmente de Geografia, como um recurso em sala de aula.”

O procedimento de iniciar a aula de Geografia com uma sequência de mapas que vai do planisfério ao recorte alvo é provavelmente o mesmo a partir do qual a própria professora foi escolarizada, e não somente esse procedimento permanece até hoje como também a utilização do mapa como recurso para localizar lugares, e não como meio de comunicação. Mapa, para criança, passa pelo crivo da cognição. A dificuldade do trabalho com mapas junto a crianças é apontada por Oliveira (2007, p. 18): De modo geral, os artigos que tratam dos, no setor educacional, voltam-se mais para as finalidades e o seu uso pelos professores e pelas crianças em situações escolares. Os mapas considerados nesses estudos são os mapas do adulto. Sobre os mapas da criança, a bibliografia é nitidamente escassa. Por se tratar de professores que não são graduados em Geografia, as dificuldades são ainda maiores, no que se refere ao ensino do mapa e pelo mapa. Nesse sentido, verificamos um conceito consolidado acerca do mapa como instrumento para localizar lugares.

“De que maneira organizam suas aulas de Geografia para executá-la junto aos seus alunos?”

Resposta: professor 7

“Minhas aulas de Geografia organizo conforme a proposta curricular (conteúdo), me baseando sempre em livros didáticos, nas pesquisas, minhas e dos alunos. Quando possível levo para a sala de aula materiais no concreto e vídeos. Tenho mapas distribuídos pela sala que ficam ao alcance dos alunos. Como minha formação não é Geografia, às vezes tenho certa dificuldade, preciso de mais pesquisa.”

A professora diz que cumpre o currículo da escola para organizar sua aula. A sinceridade da resposta quanto aos mapas faz ser de suma importância comentá-la. Ao contrário do que comentamos em uma análise anterior, a professora diz que em sua sala de aula os mapas estão à disposição dos alunos. Mas o que mais chama a atenção é que, a cada momento da pesquisa nos convencemos mais ainda da necessidade de trabalhar a alfabetização cartográfica com os professores das séries iniciais. É o que indica a frase da professora ao destacar sua dificuldade em trabalhar Geografia por não ser sua área de formação.

Podemos observar o que afirma Castellar (2003, p. 117):

Tendo clareza dos objetivos, o professor dará um significado maior a sua prática e fará questionamento como: onde quero chegar quando estabeleço esse conteúdo? Neste conteúdo, quais são os conceitos que permeiam ou estão articulados? Como vou ensinar esse conteúdo, ou seja, quais são os procedimentos que irei estruturar para que haja uma relação entre o ensino e a aprendizagem satisfatória e que haja envolvimento do aluno? O aluno precisa perceber que o professor está envolvido no que faz!

“De que maneira organizam suas aulas de Geografia para executá-la junto aos seus alunos?”

Resposta: professor 8

“Primeiramente observo qual vai ser o conteúdo ou assunto a ser trabalhado, em seguida vou pesquisar para encontrá-lo e depois faço a leitura do assunto, observando os tópicos principais para poder elaborar a minha aula; sempre organizo [as aulas] de maneira simples e [a mais] clara possível para que o aluno possa compreender melhor, se necessário uso mapas de acordo com o conteúdo (município, Paraná, Brasil e mundo). Sendo que esses suportes fazem parte da aula de Geografia.”

A professora afirma que primeiro verifica na lista de conteúdos curriculares o que deve ser trabalhado, depois inicia sua busca por meio de pesquisa, leituras, seleciona em tópicos o que vai socializar com os alunos, e destaca fazer tudo da maneira mais simples possível para que os alunos compreendam melhor. Mas Bachelard (1972, p. 83) nos lembra que “Tudo o que é fácil de ensinar é inexato.” Assim, deve-se ter cuidado ao buscar ensinar de maneira “fácil”, pois esse procedimento pode não ir além do empirismo, e o conhecimento escolar deve se direcionar no sentido do científico.

Com a afirmação de que utiliza o mapa “se necessário”, a professora revela que eles são colocados em segundo plano por motivos diversos, seja por insegurança em utilizá-los ou por não se entender sua importância no ensino da Geografia. É o que constata também Oliveira (2007, p. 24): “Quando a escola dispõe de coleções de mapas, nem sempre os professores os utilizam em sala de

aula. A razão disso quase sempre é administrativa, por exemplo, os mapas precisam ser guardados em outro lugar, dificultando o acesso dos professores.” Percebe-se que a pouca utilização de mapas em sala de aula deriva de uma série de elementos, como a burocracia, a insegurança em usá-lo ou a falta de conhecimento a respeito de como ensinar o mapa e, mais difícil ainda, ensinar Geografia pelo mapa.

“De que maneira organizam suas aulas de Geografia para executá-la junto aos seus alunos?”

Resposta: professor 9

“Partindo da proposta pedagógica, com o 5º ano, organizando na sequência de onde ele mora (vive) para o município, estado, país, mundo. A partir daí, detemo-nos mais na geografia do Paraná. Através de mapas, filmes, textos e pesquisas, procurando levar até o aluno um pouco da geografia-história (trabalho junto) do Paraná. Temos duas aulas por semana, não há tempo determinado, depende do assunto e envolvimento da turma.”

Os conteúdos são definidos a partir da proposta curricular; o estudo da Geografia parte do local e acaba no geral, passando pelo o estado do Paraná, trabalhando-se a História juntamente. A professora diz utilizar filmes, mapas (não explicou os tipos de mapas), textos e pesquisa. Ela declara também que tem duas aulas por semana, pois não tem tempo determinado para Geografia e depende do assunto e envolvimento da turma. Isso aponta para o que diz Castellar (2003, p. 115): A importância da geografia na estrutura curricular proporciona ao aluno uma compreensão dos fenômenos, por exemplo, estão relacionados à dinâmica da natureza presente em diferentes sociedades e culturas, que caracterizam o conteúdo geográfico, permitindo ao aluno compreender a realidade. Nesse sentido, não determinar um tempo para o ensino do conteúdo geográfico pode ser perigoso, caso o professor não tenha domínio desse conteúdo, pois possivelmente ele direciona o ensino das séries com que trabalha para os conteúdos que domina desde sua formação inicial. Outra questão importante a ser destacada é a sequência organizada para trabalhar os conteúdos: numa sequência espacial, do maior para o menor, ou seja, do mundo até o Paraná.

“De que maneira organizam suas aulas de Geografia para executá-la junto aos seus alunos?”

Resposta: professor 10

“De acordo com o conteúdo que deve ser trabalhado, penso que o aluno já entende devido ao seu processo de escola, e elaboro ou organizo, de acordo com o material que temos na escola, questionando o aluno em relação ao que vai ser exposto e usando tudo o que pode ser mostrado para o aluno.”

A professora diz que prepara a aula de acordo com o que é proposto no currículo, supondo que os alunos já possuam conhecimento prévio derivado de um processo escolar, mas não diz que processo é esse. Também afirma que organiza a aula com material disponível na escola, mas não menciona quais. Quanto ao mapa, não o menciona de forma nenhuma.

Segundo o que nos ensina Castellar (2005, p. 39) – “Uma aprendizagem com base na construção do conhecimento sustenta que o aluno é um sujeito mentalmente ativo na aquisição dos saberes, estabelecendo-se como objetivo prioritário a potencialização de suas capacidades de pensamento.” –, percebe-se que, para haver ensino, deve-se considerar o aluno como sujeito ativo. Assim, levar em consideração o que os alunos sabem é fundamental para a organização de aulas. Apesar de não ficar claro na resposta da professora de que se trata o questionamento que ela propõe aos alunos sobre o que pretende ensinar, inconscientemente ela apresenta elementos que contribuem para a aprendizagem, como levar em conta o que as crianças já sabem – porém é necessário que esse questionamento seja feito de maneira consciente por parte do professor.

“De que maneira organizam suas aulas de Geografia para executá-la junto aos seus alunos?”

Resposta: professor: 11

“Organizo os conteúdos a serem trabalhados em cada bimestre; como nosso planejamento é semanal, preparo uma aula de Geografia por semana. Alguns conteúdos trabalho no livro didático, pesquisa na internet, entrevista com os pais feitas pelos alunos, utilizo também outros livros como fonte de pesquisa. Expor em sala de aula o assunto, ver até onde os alunos sabem e conhecem, para então partir para o trabalho individual e coletivo.”

A professora expõe o conteúdo, verifica o que os alunos sabem, para depois iniciar o trabalho. Diz também que trabalha individual e coletivamente. Utiliza vários recursos didáticos, mas não menciona a utilização de mapas. Segundo Castellar (2005, p. 47):

Estruturar os conteúdos, tendo os mapas e as imagens presentes no cotidiano das crianças, pode ser um procedimento, uma estratégia, de aprendizagem interessante para elas, pois ao mesmo tempo em que se trabalha com o conhecimento prévio, traz para a aula outras habilidades e percepções, como a observação e a comparação das influências culturais existentes nos diferentes lugares. Permite, ainda, que as crianças entendam os mapas como construções sociais e que transmitam idéias e conceitos sobre o mundo, apesar da pretendida neutralidade e objetividade que os meios técnicos utilizam para condicioná-los.

Interessante observar que considerar o que os alunos já sabem possibilita ao professor fazer uma articulação dos conteúdos curriculares pré-estabelecidos à realidade do aluno. Isso quer dizer que o professor precisa estar atento à Didática, pois ela proporciona essa articulação e diminui os riscos de apenas se transmitir conhecimento, em vez de construí-lo juntamente com os alunos.

“De que maneira organizam suas aulas de Geografia para executá-la junto aos seus alunos?”

Resposta: professor 12

“Através de um planejamento e instrumento que envolva a teoria com a prática, com instrumentos que possibilitem uma visualização do que se está sendo ensinado. Instrumentos estes que podem ser mapas, fotos, imagens, internet, globo, bússola, maquete, entre outros.”

Nesta resposta, aparece a relação entre teoria e prática, mas não se detalha de que forma acontece. Há também o relato da utilização de alguns recursos, dentre eles o mapa, mas não diz como são utilizados. A forma de utilização é importante, como podemos ver em Castellar (2005, p.

48): “o ensino de Geografia, penso que deve superar as aprendizagens repetitivas e arbitrarias e passar a adotar outras práticas de ensino, investindo nas habilidades: análise, interpretações e aplicações em situações práticas; por isso, os currículos tradicionais ainda têm muito que mudar.” É possível articular a teoria e a prática em sala de aula, desde que o professor seja capaz de compreender que nenhum recurso didático ou atividade com os alunos está dissociado da teoria. Sabendo isso, ele poderá conduzir sua aula sem se culpar por eventuais maus resultados de aprendizagem, podendo a qualquer momento se valer de outros recursos ou de outra teoria; mas, para isso, o currículo escolar deve colocar essas condições de “liberdade” de pensar a prática pedagógica como prerrogativa do professor.

“De que maneira organizam suas aulas de Geografia para executá-la junto aos seus alunos”?

Resposta: professor 13

“A aula de Geografia, como as demais, é organizada dentro de um contexto, partindo do todo para chegar às partes, sempre levando em consideração o conhecimento que o aluno já traz para assim ampliá-lo.”

Não se detalha, na resposta, em qual contexto é trabalhada a aula de Geografia. Mais uma vez aparece o termo “partindo do todo para chegar às partes”. Comenta-se também a importância de considerar o que os alunos já sabem para se poder ampliar esse conhecimento. Partindo dessa premissa de ampliar o conhecimento dos alunos, temos a impressão de que essa ampliação do conhecimento dos alunos seria uma espécie de ponto de partida para as aulas. Segundo Callai (2012, p. 81), “A questão que pode ser pertinente a ser discutida diz respeito às possibilidades de articulação entre efetivar um ensino conseqüente e coerente com os parâmetros científicos da Geografia e com a realidade da vida dos alunos.”

Respeitar o que os alunos trazem de conhecimento de sua cultura não quer dizer substituir os conceitos de conteúdos curriculares por tais conhecimentos, mas discutir no sentido de identificar se aquilo que eles sabem condiz com os fundamentos teóricos da ciência geográfica. Caso contrário, não haverá avanços, construção de conhecimentos novos ou ampliação de conhecimentos, conforme as palavras da professora. Os mapas são mencionados de uma maneira geral, sem se indicar como são utilizados; entendemos ser muito tímida a utilização dos mapas pelos professores, tanto no ensino dos elementos básicos da Cartografia como no uso dos mapas para ensinar conteúdos de Geografia.

Considerações

A pergunta que ora se fez aos professores da Educação Básica em uma pesquisa supracitada anteriormente: *“De que maneira organizam suas aulas de Geografia para ministrar junto aos seus alunos?”* as respostas apontaram para uma tradição escolar talvez em que os professores na maioria consideram as aulas uma atividade mais prática do que conceitual, ou seja, o fazer. Neste sentido, percebeu-se que o conceito de aula se torna um assunto a ser aprofundado principalmente no curso de formação docente.

Observa-se que os professores organizam suas respectivas aulas a partir do que orientam as Diretrizes, porém não superam além disso. Certos momentos nas respostas dos professores são relatados que é preciso considerar os conhecimentos que os alunos trazem consigo de suas culturas, mas não explicam como fazer isso.

Outra questão que aparece é a utilização do livro didático como uma espécie de guia didático para a organização das aulas que se levou a pensar que ainda permeia nas escolas de maneira geral a cultura do livro didático em substituição as diretrizes ou parâmetros e até mesmo a autonomia didático pedagógica do docente para o ensino institucionalizado.

De maneira geral, percebeu-se que os professores dizem que “segue” o projeto Pedagógico da Escola, porém, não fica claro de que forma e também, as respostas apontam para uma preocupação no que diz respeito o que é didática e o que são práticas pedagógicas para eles.

A primeira converge para uma maior complexidade na relação entre o ensino e aprendizagem no contexto do conhecimento sistematizado e, a segunda é a atividade organizada e definida no projeto pedagógico para ensinar os conteúdos curriculares.

Desta forma, percebeu-se que os professores responderam de forma ética e, em contrapartida, observou-se a necessidade de aprofundamento no campo da didática como ciências que trata das questões pedagógicas no dia a dia dos professores e não meramente como uma prática de elaboração e execução de uma aula sem articulação entre o conhecimento geográfico com os conhecimentos didáticos.

Referências

- BACHELARD, Gaston. **Filosofia do novo espírito científico**. Lisboa: Presença, 1972.
- _____. **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. Capítulos 6 e 7.
- BROUSSEAU, Guy. **Introdução ao estudo da teoria das situações didáticas**: conteúdos e método de ensino. Tradução Camila Bógea. São Paulo: Ática, 2008.
- CALLAI, Lana. **A Formação do profissional da Geografia. O Professor**. Ijuí: Ed. Unijui, 2013.
- CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella; MORAES, Jerusa Vilhena de. Um currículo integrado e uma prática escolar interdisciplinar: possibilidades para uma aprendizagem significativa. In:

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella; MUNHOZ, Gislaine Batista (Orgs.). **Conhecimentos escolares e caminhos metodológicos**. São Paulo: Xamã, 2012.

FORQUIN, Jean Claude. **Escola e cultura**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1993.

OLIVEIRA, Lívia de. **Estudo metodológico e cognitivo do mapa**. Tese (Livre-Docência) – Instituto de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1978. Série Teses e Monografias, nº 32.

SACRISTÁN, José Gimeno. **O currículo**: uma reflexão sobre a prática. Tradução Ernani F. Rosa. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

VESENTINI, José William. **O ensino de Geografia no século XXI**. Campinas: Pa PAGANELLI, Tomoko Iyda. Para a construção do espaço geográfico na criança. In: ALMEIDA, Rosângela Doin de (Org.). **Cartografia escolar**. São Paulo: Contexto, 2007. PASSINI, Elza. **Alfabetização Cartográfica e o livro didático**: uma análise crítica. Belo Horizonte: Lê, 1994. pirus, 2004.

NOGUEIRA e CATANI. (Organizadores) **Escritos de Educação**. Petropolis, RJ: Editoras Vozes, 1998.